



PERCEPÇÕES DOS LIMITES ENTRE ESPAÇO PÚBLICO E PRIVADO DENTRO DO CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA DA COVID-19¹

Perceptions of the limits between public and private space within the context of social isolation of the COVID-19 pandemic

ALBUQUERQUE, Raíssa Joanna Vítola²

PIRES, Julie de Araujo³

PONTE, Raquel Ferreira da⁴

RESUMO

Durante a pandemia da COVID-19, foi necessária a adoção de uma série de medidas visando a contenção do vírus, dentre elas a adoção do isolamento social. Relações sociais, de trabalho e de estudo, que antes se davam de forma presencial, precisaram ser adaptadas ao novo contexto social e, dessa forma, habitar um local anteriormente entendido como um espaço privado. Com o olhar sobre a necessidade de se pensar novas maneiras de lidar com o design, a comunicação visual e a imagem no momento pós-pandemia, questionamos aqui como foram percebidas e se estabeleceram as divisões entre a esfera pública e privada no contexto de isolamento social decorrente da pandemia do novo coronavírus. Visando desbranchar tal questão, foi realizada uma pesquisa exploratória no ano de 2022, dividida em três momentos: a aplicação de um grupo focal, a realização de entrevistas semiestruturadas e a divulgação de um formulário digital. Ao longo do presente artigo apresentaremos a análise e descrição dos dados levantados.

Palavras-chave: Isolamento social. Ambiente público e privado. Design Visual.

ABSTRACT

During the COVID-19 pandemic, it was necessary to adopt a series of measures to contain the virus, including the adoption of social isolation. Social, work and study relationships, which previously took place in person, needed to be adapted to the new social context and, therefore, inhabit a place previously understood as a private space. Noting the need to think about new ways of dealing with visual design communication and image in the post-pandemic moment, we are questioning how divisions between the public and private spheres were perceived and established in the context of social isolation resulting from the new coronavirus pandemic. Aiming to unravel this issue, an exploratory research was carried out, divided into three moments: the implementation of a focus group, semi-

¹(i) A presente pesquisa foi apresentada anteriormente em um evento interno da Universidade Federal do Rio de Janeiro com publicação em caderno de resumos, (ii) passando também pela avaliação de Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o título *Pesquisa Exploratória a respeito da percepção dos limites entre espaço público e privado dentro do contexto de isolamento social da pandemia da COVID-19*, com data de aprovação em 29/04/2022, sob o número de parecer 5.379.401. (iii) Pontuamos ainda o projeto de pesquisa como filiado ao grupo de pesquisa Semiótica do Design, e que (iv) nenhum financiamento foi recebido para sua execução.

² Graduada em Comunicação Visual Design pela UFRJ. Designer, mestrande e bolsista CAPES pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFRJ. E-mail: raissajoanna@gmail.com.

³ Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV-UFRJ, com mestrado e graduação em Design nas instituições PUC-Rio e UFRJ, respectivamente. Desde 2011 é docente da UFRJ, onde atua como Professora Associada no curso de graduação em Comunicação Visual Design e no mestrado em Design Visual, da Escola de Belas Artes. E-mail: julie.pires@eba.ufrj.br.

⁴ Doutora em Design pelo PPDESDI-UERJ, com mestrado em Design pelo PPDESDI-UERJ, MBA em Marketing pela Puc-Rio e graduação em Comunicação Social pela UFF. Desde 2014 é docente da UFRJ, onde atua como Professora Adjunta no curso de graduação em Comunicação Visual Design e no mestrado em Design Visual no PPGD da Escola de Belas Artes, UFRJ. E-mail: raquel.ponte@eba.ufrj.br.

structured interviews and the divulgence of a digital form. Throughout this article we will present the analysis and description of the data collected.

Keywords: Social isolation. Public and private environment. Visual Design.

1. INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de COVID-19 no Brasil e, em virtude dos riscos da doença e da possibilidade de sobrecarga dos serviços de tratamento intensivo, as autoridades passaram a exigir o uso de máscaras, higienização das mãos e superfícies e o isolamento social (PRIMO, 2020).

Entendendo a necessidade da medida de isolamento para a contenção do vírus, cabe destacar o papel central da comunicação virtual para a manutenção de relações que antes se davam de maneira presencial. Dessa forma, pôde-se perceber a intensificação do uso das tecnologias digitais e uma grande mudança nas dinâmicas e interações que se deram durante esse período.

No entanto, apesar de uma alternativa condizente com a necessidade de isolamento físico, o ambiente digital também foi apontado como insuficiente para suprir as necessidades de contato humanas, se mostrando repleto de problemas relacionados ao seu uso constante, como, por exemplo, a hipervigilância⁵, relações precarizadas de trabalho e a infodemia⁶ (SIMÃO, 2020).

Quando em *24/7: O Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*, Jonathan Crary (2016) traz a noção de um tempo cada vez menos permeado por momentos de indefinição e não vigilância, pontua também os limites turvos entre as esferas pública e privada.

(...) No final do século XX, houve uma integração maior e muito mais abrangente do sujeito humano à “continuidade constante” de um capitalismo 24/7 que sempre foi inherentemente global. Hoje, os domínios da comunicação, bem como da produção e da circulação de informação, operando permanentemente, penetram em todos os lugares. O alinhamento temporal do indivíduo com o funcionamento de mercados, em desenvolvimento há dois séculos, tornou irrelevantes as distinções entre trabalho e não trabalho, público e privado, vida cotidiana e meios institucionais organizados. (...) (Crary, 2016, p.84).

Considerando as tecnologias digitais e a presença constante na internet como fatores essenciais a esse tempo sem pausas ou limites claros sugerido por Crary (2016), parece importante pontuar a acentuação dessa dinâmica dentro do contexto de isolamento social da COVID-19, quando a maioria dos momentos de lazer e trabalho passou a acontecer por meio das tecnologias digitais.

Em 2020, a percentagem de domicílios com acesso a internet no Brasil passou de 71% para 83%, sendo o equivalente a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede (TIC Domicílios, 2020 apud Nitahara, 2021). Paralelamente, no mesmo ano se dá um aumento, em

⁵ A vigilância, ou atenção espontânea, advém do interesse momentâneo ou incidental despertado por algum fator – interno ou externo – importante por si mesmo ou que apresente ameaça ao indivíduo. A hipervigilância, por sua vez, é um distúrbio da vigilância caracterizado pelo estado onde o sujeito encontra-se atento a cada novo estímulo, deslocando a atenção entre eles com enorme rapidez (MEZZASALMA; TAVARES, 2003).

⁶ Excesso de informações associadas a um assunto específico, capazes de se multiplicar exponencialmente em um curto período de tempo em consequência de um evento singular. Tais informações podem ser precisas ou não e sua abundância pode tornar difícil o reconhecimento de orientações confiáveis (Organização Pan-Americana Da Saúde, 2020)

comparação com o ano anterior, de 208% na migração de companhias brasileiras para o ambiente digital (Mastercard, 2021 apud R7, 2021). De maio de 2020 para o mesmo mês de 2021, também ocorre um aumento de 10% no número de empresas que declararam utilizar ao menos um canal digital (Sebrae; Fundação Getúlio Vargas, 2021 apud R7, 2021).

Nesse sentido, é possível observar que a pandemia da COVID-19 intensificou o uso de tecnologias digitais, atuando também como um acelerador no processo de migração para plataformas virtuais. Como alternativa viável, empresas e pessoas precisaram adaptar, e até reinventar, antigos hábitos, no entanto, mais que um momento passado, reflexos das condições vividas nesse período ainda se encontram presentes na atualidade.

Segundo a pesquisa realizada pelo *Google Workspace*, com a consultoria IDC Brasil, entre os meses de abril e junho de 2022, 56% dos profissionais brasileiros entrevistados afirmaram trabalhar em regime híbrido, representando 12% a mais que o percentual de 2021 (Google Workspace, 2022 apud Dino, 2022). A pesquisa ainda evidencia a preferência dos entrevistados pelo regime de trabalho híbrido, onde 73% destes o definem como a melhor opção de trabalho (Google Workspace, 2022 apud Dino, 2022).

Entendendo que, durante o período de isolamento, as relações sociais com o mundo externo passaram a se dar por intermédio de telas e suas imagens virtuais, e observando os reflexos de tal período nas relações atuais, questionamos aqui como se deu a percepção do espaço privado e das imagens geradas nele, existentes além da moderação das telas.

O presente artigo, pretende, dessa forma, trazer o relato e análise de dados levantados durante pesquisa exploratória, realizada com o objetivo de averiguar como se deu a percepção dos limites entre os momentos públicos e privados no contexto de migração das relações sociais e de trabalho para o ambiente digital.

De maneira a obter respostas acerca da percepção desses limites, tal pesquisa exploratória foi estruturada contendo a aplicação de um grupo focal por videoconferência, quatro entrevistas remotas e a divulgação de um formulário virtual. Tais etapas foram realizadas entre os meses de maio e agosto de 2022, em que se dava o retorno gradual às atividades presenciais e, apesar da diminuição de casos de COVID-19, ainda vivenciávamos um cenário incerto onde medidas de prevenção e monitoramento do vírus se faziam essenciais. Definiremos com mais detalhes as três etapas realizadas no item seguinte, referentes à metodologia aplicada na pesquisa.

2. METODOLOGIA

Partindo da pesquisa bibliográfica inicial, foi estruturada uma etapa de pesquisa exploratória, buscando entender a percepção da amostra de pesquisa acerca dos limites entre os espaços público e privado no cenário de isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19. Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, pontuamos que o projeto de pesquisa foi submetido para avaliação e aprovação ética por meio da Plataforma Brasil⁷, sendo sua realização consentida em 29/04/2022.

Evidenciado que o foco da pesquisa se encontra na percepção dos indivíduos, entendemos que era importante considerar participantes que tivessem experienciado a migração das relações sociais e de trabalho para o ambiente digital. Buscamos, dessa forma, restringir a

⁷ A Plataforma Brasil é uma base online nacional que permite o registro unificado de pesquisas envolvendo seres humanos. Através da plataforma, os pesquisadores podem acompanhar todos os estágios da pesquisa desde sua submissão para a aprovação pelo CEP – Comitês de Ética em Pesquisa – e pela CONEP – instância máxima de avaliação ética em protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos.

participação na pesquisa a indivíduos em idade ativa, que tivessem trabalhado em regime *home office* ou cursando ensino à distância durante o período de isolamento social, considerando ainda o recorte de maiores de idade nascidos no contexto de popularização da internet no Brasil.⁸

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa se deu por meio de três etapas, sendo estas: (1) a realização de um grupo focal, (2) a aplicação de quatro entrevistas semiestruturadas e (3) a criação e divulgação de um formulário virtual. Pontuamos que as três etapas citadas se deram de forma encadeada, sendo as questões levantadas em cada uma delas consideradas para o desenvolvimento das etapas posteriores. Nesse sentido, iniciamos pela etapa do grupo focal por possibilitar uma maior abertura para o levantamento de questões e tópicos relacionados à pesquisa, seguindo para um detalhamento mais pessoal pelas entrevistas e, por fim, a divulgação do formulário digital, como forma de confirmação das informações levantadas nas etapas anteriores.

Considerando o cenário ainda de incerteza em que tais etapas foram aplicadas⁹, optou-se por sua realização de forma integralmente remota, sendo utilizadas plataformas de videoconferência e formulários virtuais gratuitos para esse fim.

3. ANÁLISE DE DADOS

Entendendo o encadeamento das etapas de pesquisa e a variedade de dados levantados em cada uma, optamos por separar a etapa de análise e descrição dos dados em três itens, referentes ao grupo focal, às entrevistas e ao formulário digital.

3.1. GRUPO FOCAL

No dia 25/05/2022, realizamos um grupo focal por videoconferência com a participação de três integrantes. Após reiterá-los sobre os objetivos da pesquisa, foi iniciada a aplicação de um roteiro com cinco perguntas base atentando, no entanto, para o direcionamento e insights que surgissem a partir da fala dos participantes – seguindo, desta forma, um modelo semiestruturado.

Logo de início, foi pontuada pelos participantes a percepção de que o espaço privado havia se tornado mais público, no sentido de não conseguirem definir tão claramente até onde iria cada um desses ambientes. Nesse sentido, observamos a exposição de três interpretações do espaço público, sendo elas ligadas (1) à distinção entre ambiente de trabalho e o espaço destinado para lazer e descanso, (2) à diferença entre o ambiente interno e o ambiente externo e, por fim, (3) à separação entre uma esfera doméstica privada e um ambiente público virtual. Apesar de apresentadas como três percepções distintas, é importante pontuar que tais categorias se encontraram muitas vezes misturadas, entendendo a relação próxima entre as três interpretações dentro do contexto de isolamento social.

Sobretudo no que diz respeito à relação com o trabalho, foi pontuada uma grande dificuldade de distinguir momentos de trabalho e de lazer, sendo adotadas algumas medidas para tentar minimizar essa aproximação. A separação física de ambientes foi o principal recurso apontado,

⁸ Considera-se, no Brasil, indivíduos em idade ativa como pessoas na faixa etária entre 15 e 64 anos (Albernaz; Pille, 2023), porém, entendendo o recorte de maiores de idade adotado na presente pesquisa, consideramos apenas pessoas com a idade variando entre 18 e 64 anos. Nesse sentido, consideramos como parte da amostra de pesquisa de pessoas nascidas aproximadamente entre os anos de 1958 e 2004.

⁹ As etapas da presente pesquisa exploratória tiveram início em 25/05/2022, passando por período onde se iniciava o retorno gradual às atividades presenciais, devido à diminuição das e internações e casos graves da COVID-19, em consequência da aplicação das vacinas para a maior parte da população brasileira.

sendo muito citada uma maior facilidade de divisão entre locais no momento anterior à aplicação da medida de isolamento social. Nesse sentido, é interessante citar a fala de um dos participantes, se referindo à sensação de trabalhar remotamente:

Mas, assim, agora eu me mudei, mas antes eu passava o dia inteiro no quarto, porque meu escritório era lá, eu dormia lá. E aí a sensação é que eu tô dormindo no meu trabalho, sabe? Tava muito ruim essa delimitação. Acho que a *****¹⁰ até falou de tentar separar os lugares... eu to tentando fazer isso agora. Mas isso me prejudicou muito porque eu perdi a noção de quando eu posso parar de me estressar com trabalho, eu não consigo ainda... eu não consigo fazer isso. (Participante 1)

Assim, pode ser percebida uma saturação do ambiente, mas, sobretudo, a não distinção entre os momentos destinados ao trabalho e ao lazer, gerando uma realidade bastante estressante, segundo o relato dos participantes do grupo focal. Pensando sobre essa sobrecarga, alguns pontos como a diminuição da produtividade e perda de foco foram apontados, sendo muitas vezes relatada a sobreposição de atividades realizadas no mesmo horário como busca de compensação ou de tornar-se mais produtivo.

Um outro ponto relatado foi a sensação de ter o ambiente doméstico “invadido”, entendendo que todas as relações, inclusive com pessoas com que os participantes não tinham muita intimidade, passaram a se dar nesse mesmo local. Nesse sentido, foi mencionada uma certa ansiedade relacionada tanto à comunicação constante quanto à indissociabilidade dos ambientes.

E aí foi isso, tipo, eu comecei uma vídeo chamada com, sei lá, cinco pessoas... no começo assim eu ficava muito nervosa, eu ficava com a mão tremendo assim. Eu ficava suando, tipo, frio. É horrível, sabe? E eu não tinha mais aquele alívio tipo, quando você chega em casa e: pronto, acabou. (Participante 3)

O ambiente doméstico assume, nesse sentido, uma conotação de exposição, gerando a sensação de alerta e de tensão constantes. Ao mesmo tempo, foi relatada a impressão de realizar um trabalho mais isolado, perdendo também o contato social que se daria dentro do próprio ambiente de trabalho presencial. A supressão da necessidade de deslocamento para o ambiente de trabalho, no entanto, foi trazida de forma positiva, existindo como um tempo extra que poderia ser gasto com atividades relacionadas ao bem-estar e a saúde.

Com relação ao tempo de exposição às telas, todos os participantes mencionaram ter acontecido um aumento considerável, entendendo que a maioria das atividades passou a se dar por intermédio delas. Nesse sentido, algumas alternativas trazidas para diminuir essa exposição constante, bem como a sensação de saturação advinda dela, foram: a realização de atividades físicas, a busca por objetos físicos – como a opção por livros físicos ao invés de pdfs ou e-books – e a realização de atividades essenciais que se dessem de maneira presencial – como ir ao mercado. Nesse sentido, é interessante reproduzir a fala de um dos participantes

Cara, pra mim foi um pouco difícil assim. Até como eu falei, sempre usei muito do digital pra fazer essa válvula de escape. Assim, eu sou uma pessoa do computador 100% e, assim, eu gosto muito de fazer coisas que são parecidas com o meu trabalho no meu tempo livre. Então, sei lá, eu gosto de fazer umas ilustrações que são ali no Photoshop, no Illustrator da vida. Então pra mim foi muito difícil, porque eu realmente terminava de trabalhar, por exemplo, e eu não aguentava mais... não aguentava mais ficar num Photoshop da vida. A coluna já tava lá gritando socorro, ajuda. (Participante 2)

¹⁰ Nome omitido para preservar o anonimato da participante.

Além da saturação, o participante também relata um desconforto relacionado à própria saúde física, ligado, por sua vez, aos longos momentos de exposição às telas.

Outro ponto interessante mencionado foi a relação com os espaços públicos virtuais, que eram percebidos, de certa forma como ambientes ambíguos, no sentido de estar num espaço sem realmente estar presente nele. Essa questão foi novamente mencionada como algo confuso e difícil de delimitar.

Entendendo que a realização do grupo focal se deu em meio ao retorno às atividades presenciais, as interações fora do ambiente doméstico também foram muito mencionadas pelos participantes. Nesse sentido, foi possível perceber um grande receio por conta do entendimento do espaço externo como um ambiente hostil, onde eventos inesperados poderiam se dar sem aviso prévio.

Além disso, os participantes também mencionaram algumas mudanças da percepção que teriam do espaço público no momento anterior à aplicação da medida de isolamento social para a que teriam no momento da realização do grupo focal. Ambientes mais arejados foram trazidos como preferenciais e houve uma certa valorização dos momentos fora de casa, que foram pontuados como algo mais difícil de acontecer ou que se tornaram atividades mais “burocráticas”. Outros dois pontos mencionados sobre esse retorno foram a sensação de ter uma maior dificuldade de socialização, devido ao longo período de isolamento social, e a necessidade de reacostumar a frequentar ambientes públicos e conviver com outras pessoas.

Algumas outras considerações trazidas pelos participantes do grupo focal apontaram para uma relação confusa com o tempo durante o período de isolamento social, podendo ser percebida uma ligação direta com a falta de rotina que, por sua vez, se mostrou associada à permanência no ambiente doméstico. Em contraponto, alguns hábitos adquiridos durante o isolamento social foram apontados como positivos, sendo estes relacionados, no geral, com uma rotina menos corrida que possibilitou um investimento maior no bem-estar mental e físico dos participantes – como uma menor pressa e o aumento do tempo de sono.

3.2. ENTREVISTAS

A partir dos dados levantados na etapa do grupo focal, foi criada uma lista com 17 perguntas, para a aplicação de quatro entrevistas semiestruturadas. Tais entrevistas foram realizadas nos dias 08/06/2022, 10/06/2022 e 18/06/2022, considerando a disponibilidade de cada participante.

Logo de início, os entrevistados foram inquiridos sobre as relações que antes se davam de maneira presencial e que passaram a acontecer de forma remota no período de isolamento social. Nesse sentido, as atividades mencionadas foram: ensino remoto, modelo de trabalho *home office*, serviços de saúde – consultas médicas e atendimento psicológico – e atividades sociais, considerando as relações mediadas por telas como substitutas para uma relação presencial. No que diz respeito às atividades sociais, é importante pontuar que alguns participantes destacaram já possuir o hábito de se comunicar exclusivamente de forma virtual com alguns grupos antes da pandemia.

Tendo em conta a restrição ao ambiente doméstico e o retorno ao convívio presencial em locais públicos que se dava no período, buscamos entender também como se dava a relação dos entrevistados com a própria casa. Por um lado foi mencionado o aumento do contato com familiares que, por sua vez, trouxe à tona alguns conflitos no ambiente doméstico, porém, em outro extremo, houve uma maior valorização da casa enquanto espaço de pertencimento e representação da individualidade de seu morador.

Eu acho que eu passei a dar muito mais importância em ter uma casa que eu gostasse, que eu me sentisse à vontade, que eu achasse sempre legal estar lá. (...) eu sempre gostei, tipo, de: ah quero ter um apartamento bonitinho, quero ter um negócio tal. Mas eu acho que essa importância aumentou muito, eu acho que continua até hoje no sentido de eu ter uma casa que eu me sinta feliz. Que eu olhe assim, de certa maneira, para casa, as coisas eu me veja ali, eu veja minhas realizações. De certa maneira eu vejo o sucesso, de alguma maneira, naquilo ali. (Participante 4)

Considerando o fragmento reproduzido acima, é possível notar uma associação entre o espaço privado e a própria personalidade do indivíduo entrevistado, existindo, dessa forma, uma compreensão desse ambiente como algo pessoal.

Cabe, no entanto, destacar algumas percepções acerca da divisão entre os ambientes público e privado, tidas pelos entrevistados durante o isolamento social. Nesse sentido, foi citada tanto a separação de ambientes existentes dentro da própria casa quanto como se dava a divisão entre os momentos de trabalho e de lazer. Desta maneira, destacamos novamente o relato da presença de uma delimitação física desses momentos ou “locais” – como a separação de ambientes, mencionada anteriormente na etapa do grupo focal – mas também uma separação temporal dos mesmos.

No que diz respeito à separação temporal, destacamos a necessidade de autogestão do tempo, pontuada ao longo da fala dos entrevistados. Assim, mencionam que estabeleceram um número de horas de trabalho ou um horário específico que deveriam cumprir, tomando cuidado para não ultrapassar tais limites e fazendo uso de aplicativos específicos – como email e *Microsoft Teams*¹¹ – para uso exclusivo de trabalho, bem como ferramentas de gerenciamento de tempo para estabelecer tal controle.

Por outro lado, a delimitação do trabalho considerando a separação de espaços se deu pela divisão de ambientes dentro da própria casa, que seriam destinados aos momentos de trabalho e de lazer. É interessante, nesse sentido, citar a fala de uma das entrevistadas, que discorre sobre como se deu a reorganização do ambiente doméstico para possibilitar essa separação.

Então, durante esse período, né, desde 2020 o meu quarto meio que se tornou o único lugar que eu tava frequentando, assim, dentro da minha casa. Se tornou meu espaço de atelier, se tornou o meu espaço de ter aula. Tudo eu tava fazendo dentro do meu quarto. E (...) chegava num momento do dia que eu tava cansada de estar só dentro desse espaço. Então meio que eu me mudei para sala na hora de, tipo, ter um espaço só para mim, de ter um momento de descanso. Eu acabei desassociando o lugar que é o meu quarto, de um lugar em que eu poderia ter um espaço privado. (...) E a sala da minha casa se tornou esse espaço, era um lugar que eu parava para assistir filme, para descansar, para dormir... (Participante 5)

Apesar das tentativas de delimitação, todos os participantes pontuaram que a divisão entre tais momentos e ambientes não se deu de maneira clara, existindo limites muito fluidos ou confusos onde antes havia uma separação nítida. Um dos participantes mencionou, inclusive, que seu contrato de trabalho, sendo no regime *home office*, não previa mais uma delimitação específica de horário, constando apenas a carga horária contratada.

Alguns entrevistados disseram já possuir uma rotina muito ligada ao uso das tecnologias digitais antes da pandemia, no entanto, foi citado um grande aumento na exposição às telas que, por sua vez, foi percebido de forma negativa ou neutra. Também foi exposta a realização de muitas atividades por meio do computador, gerando a sensação de saturação e cansaço,

¹¹ É um aplicativo da Microsoft, criado para trabalho híbrido que dispõe das funcionalidades de mensagens instantâneas, chamadas de áudio e vídeo e outros recursos de conferência web.

e o uso de redes sociais associado a problemas de autoestima e a cobranças internas. A citação abaixo apresenta a fala de uma das entrevistadas quando inquirida sobre como se sentia com relação à exposição constante às telas:

É... eu vou falar inglês, né: overwhelmed¹². Bem cheia de tudo. Ficava cansada, ficava facilmente com dor de cabeça. Era um estresse muito grande e às vezes chegava 9h eu só deitava na minha cama e dormia. Era... foi bem cansativo, muito cansativo. (Participante 7)

O uso de redes sociais apareceu relacionado, por sua vez, a uma utilização produtiva, sendo consideradas como um espaço de propaganda ou ambiente para exposição de trabalhos. Tal uso foi associado também a sentimentos de cobrança e culpa, sendo pertinente trazer o fragmento da fala de uma das entrevistadas: “(...) é uma coisa que o Bauman fala, que tipo: se você não tá conectado, (...) você meio que sofre uma morte social, você não tá sendo visto, sabe? E todo mundo meio que quer ter visto nas redes sociais” (Participante 5). Nesse sentido, antes de um ambiente social, tais espaços foram percebidos por alguns participantes como um local não privado, onde haveria uma grande exposição e, com isso, um sentimento de ansiedade.

Também foi mencionado o uso de alguns ambientes públicos virtuais, tais como a realização de tours virtuais em museus, servidores e chats – foram citadas as plataformas *Discord* e *Skype* – e eventos online – sobretudo *lives* ou transmissões ao vivo. Em alguns pontos, foi feita a referência a ambientes que tentavam mimetizar de alguma maneira contato presencial, simulando o deslocamento dentro de espaços ou mesmo trazendo o aspecto sensorial por meio de filmagens ou outras mídias.

Com relação ao trabalho remoto, os participantes trouxeram, no geral, uma relação positiva, considerando a economia do tempo de deslocamento como um grande acréscimo. Nesse sentido, foi citada, de maneira semelhante ao grupo focal, a percepção de um tempo “extra” que poderia ser utilizado com atividades pessoais ou de interesse dos entrevistados.

O ensino remoto, por outro lado, foi entendido de forma mais negativa sendo apontada uma grande dificuldade com relação ao foco e à concentração. A não necessidade de deslocamento também foi citada como um fato positivo mas, no geral, os participantes comentaram ter uma rotina menos rígida no contexto do ensino a distância e que isso teria prejudicado seu aprendizado.

Outros pontos levantados a esse respeito foram a dificuldade de acesso que alguns estudantes teriam para a aplicação de um modelo de ensino a distância, a não adaptação de cursos muito práticos a essa dinâmica e a dificuldade de ter interações sociais e estabelecer laços. Uma participante, em especial, mencionou que o período em que teve aulas remotas se deu como uma espécie de “borrão”, tendo dificuldade de recordar pessoas e algumas situações que se deram em seu decorrer.

Tanto nos relatos sobre o ensino remoto quanto nos relacionados ao modelo *home office*, foi possível notar uma tendência de tratar o tempo extra, em que se daria o deslocamento, como um tempo útil e utilizável. A falta de rotina, no entanto, apareceu muito relacionada à dificuldade de concentração no estudo, existindo também uma relação com a ausência de uma vigilância ou cobrança externa.

No EAD a gente tem... não tem ninguém te observando então é você e sua consciência, sabe? Então no meio da aula, se você pegar o seu celular para mexer, ninguém vai ficar sabendo. A câmera, inclusive, desligada é meio... ajuda nisso, né. Se

¹² Sobrecarregada.

você tá ali com microfone mutado, se você abaixar o volume, se o professor não fica tentando falar contigo, você não tá nem aí. Você pode não estar nem aí, você pode desligar o volume e fazer outra coisa. (Participante 5)

Também foi mencionada uma mudança com relação à percepção do tempo no isolamento social, sendo relacionada a utilização da rotina de forma produtiva ou de ocupação de momentos. Cabe ressaltar que novamente foi possível perceber uma relação do tempo com o próprio deslocamento, ou não deslocamento, no ambiente externo.

No que diz respeito ao retorno às atividades presenciais, foi relatado um grande receio por parte dos entrevistados, associado principalmente a sensação de insegurança no ambiente público. Nesse sentido, fatores relacionados à impossibilidade de controlar ou prever as respostas desse ambiente foram pontuados como algo que traria ansiedade e desconforto.

Além disso, também foi mencionada a sensação de ter que corresponder às expectativas de um ambiente externo, existindo uma espécie de contraponto entre duas realidades entendidas como “o momento antes” e o “momento depois” da pandemia da COVID-19.

Eu tinha medo de chegar, tipo, acordar no dia, ligar a TV e falar: todo mundo pode ir para fora de casa e acabou a pandemia. Eu tinha medo disso acontecer. Até egoísta isso, né, da minha parte de sentir medo de que as coisas voltassem ao normal porque eu não seria capaz de voltar ao normal. Eu não conseguia vestir as minhas roupas porque nenhuma delas cabia, não conseguia voltar minha rotina porque eu não estava conseguindo dormir à noite, eu não conseguia ver as pessoas porque eu estava muito envergonhada da forma como meu corpo estava, como eu estava me sentindo. Eu tava me sentindo muito mal comigo mesma para querer interagir com outras pessoas. (Participante 5)

Cabe destacar que, de maneira semelhante à fala reproduzida acima, a maioria dos entrevistados também destacou que a pandemia teria afetado de alguma forma seus hábitos de socialização e convívio social. Mais de uma vez, foi mencionada uma menor tolerância para convivência – sobretudo no trabalho – e, paralelamente, idas a locais externos também teriam se tornado mais criteriosas. Tal relação se dá no sentido de um novo hábito adquirido, podendo ser exemplificada pelo seguinte fragmento: “(...) eu me acostumei a falar mais virtualmente com as pessoas, então (...) É muito mais difícil achar que vale a pena sair de casa” (Participante 4).

Algumas outras dificuldades foram mencionadas com relação ao período de isolamento social, cabendo citar: uma interação social menor do que a que a rotina presencial proporcionava, dificuldades financeiras, depressão, dificuldade de comunicação devido o uso das máscaras e ansiedade com relação ao uso de redes sociais, ao convívio familiar e ao próprio contexto da pandemia.

3.3. FORMULÁRIO DIGITAL

O formulário digital foi estruturado a partir das duas etapas anteriores da pesquisa exploratória e ficou disponível para preenchimento por cerca de um mês – entre os meses de julho e agosto de 2022. Ao todo foram recebidas 48 respostas mas, considerando o recorte da pesquisa¹³, o total analisado foi de 47 respostas.

Ele foi dividido nas seguintes seções: informações gerais – contendo dados sobre idade, gênero e se o participante trabalhou ou estudou de maneira remota no contexto de isolamento

¹³ Indivíduos maiores de idade em idade ativa, nascidos no contexto de popularização da internet no Brasil, que tivessem trabalhado em regime *home office* ou cursando ensino à distância durante o período de isolamento social.

social –, relações mediadas por telas, trabalho e lazer, ensino remoto e, por último, casa e espaço público.

Partindo, dessa forma, da seção relações mediadas por telas foi possível ter a confirmação de algumas atividades que passaram a se dar por seu intermédio, que já haviam sido mencionadas nas etapas anteriores e se repetiram aqui. Nesse sentido, aulas (42 respostas) e atividades sociais (40 respostas) se destacaram, sendo logo seguidas pelo trabalho remoto (30 respostas) e consultas médicas ou sessões de terapia (26 respostas).

No que diz respeito aos locais públicos virtuais frequentados nesse período, foram citadas aulas ou oficinas remotas (39 respostas), servidores ou chamadas em grupo (36 respostas), *lives* e eventos por vídeo (33 respostas), jogos online (28 respostas), exposições e galerias virtuais (10 respostas) e fóruns ou chats públicos (7 respostas).

Pudemos confirmar o crescimento do tempo de exposição às telas, entendendo que a grande maioria da amostra (46 pessoas) da pesquisa relatou passar por um aumento ou um aumento considerável de seu uso. No mesmo sentido, a maioria (40 respostas) se sentiu afetada por essa exposição, sendo trazidas como consequência a sensação de cansaço (27 respostas) e de saturação (28 respostas), problemas físicos de saúde (28 pessoas) e problemas psicológicos de saúde (27 respostas). Alguns participantes pontuaram uma afetação positiva no sentido de desenvolverem habilidades tecnológicas (1 resposta) e melhorarem sua relação consigo mesmos (1 resposta).

No que diz respeito à separação entre trabalho/estudo e lazer, a maioria dos participantes indicou não conseguir delimitar tais espaços (29 respostas). A alternativa mais utilizada entre os que conseguiram realizar tal separação foi a definição de horários fixos (14 respostas), seguida da separação de ambientes dentro de casa (5 respostas) e da separação de canais de comunicação de trabalho e pessoais (5 respostas). Nesse sentido, foi pontuado que a maioria dos momentos de lazer se deu por meio de telas (33 respostas), entendendo que uma menor parcela buscou alternativas que decorressem além dessa mediação (11 respostas) ou pontuou fazer uso de ambas as alternativas (2 respostas).

No entanto, quando questionados a respeito de estratégias de separação entre o ambiente público e privado, a maioria assinalou buscar ter momentos de lazer além da mediação de telas (30 respostas), sendo também adotadas a diminuição do uso de determinadas plataformas ou contas (9 respostas), a restrição do alcance de câmeras durante chamadas (12 respostas) e o afastamento de redes sociais (9 respostas). Cabe pontuar ainda que uma parte da amostra relatou não sentir incômodo ou não ter adotado nenhuma alternativa de separação de tais ambientes (14 respostas).

No que diz respeito ao ensino remoto, a maioria da amostra de pesquisa relatou ter tido aulas remotas (44 respostas), onde 40 participantes tiveram aulas apenas de forma remota, 1 participante de forma remota e presencial e 3 participantes realizaram apenas cursos livres de forma remota. Dessa parcela, a maioria dos participantes teve uma relação negativa com o ensino remoto (19 respostas), outra parcela percebeu essa estrutura de forma neutra (14 respostas) e uma parte menor teve uma percepção positiva dessa relação (11 respostas).

Dentre as dificuldades relatadas com relação ao ensino remoto é possível listar: a dificuldade de acesso à infraestrutura ideal (3 respostas), problemas relacionados à questões familiares (12 respostas), dificuldade de organização de uma rotina (27 participantes) e, majoritariamente, problemas relacionados a foco e concentração (35 participantes). Outras questões mais pontuais apresentadas foram a realização de cursos com matérias muito práticas (19 participantes), a perda na qualidade do ensino (1 participante) e a interferência de animais domésticos nas videochamadas (1 participante).

No que diz respeito à cobrança com relação à produtividade, 38 dos participantes relataram sofrer algum tipo de cobrança, sendo relatada por 18 deles uma cobrança interna, por um deles uma cobrança externa e por 19 participantes uma mistura de ambas.

Com relação à percepção do ambiente doméstico, a maioria sinalizou ter sofrido uma mudança na relação com a própria casa (30 respostas). As transformações relatadas foram: maior cuidado com o ambiente doméstico, utilização da casa ou cômodos desta de maneira diferente do que eram utilizados antes do isolamento social, a saturação do ambiente gerando uma percepção negativa sobre o mesmo, uma mudança nas relações familiares e no convívio dentro de casa, o ambiente doméstico percebido como local produtivo e saturado pela rotina de trabalho, o aumento do trabalho doméstico e, por fim, a falta de privacidade nesse ambiente. Ao mesmo tempo que foi trazido um estreitamento de relações com o ambiente doméstico, tornando-se um local mais propício a se passar tempo, a casa também foi mencionada como um lugar evitado, sendo dada preferência a passar o tempo em locais externos sempre que possível.

Concomitantemente, a maioria (37 respostas) indicou uma mudança nos hábitos de socialização e convívio, comparados ao que eram antes do período de isolamento social. Nesse sentido, as mudanças apontadas foram: uma maior ansiedade e desconforto relacionados a atividades sociais, dificuldade para interagir com pessoas em geral, cansaço e menor disposição para a realização de atividades sociais, dificuldade para estabelecer novos laços, desenvolvimento de uma maior seletividade para interações e a valorização do contato físico e momentos com entes queridos.

Por fim, no que diz respeito à relação com o espaço público, 33 dos participantes mencionaram perceber uma mudança em sua relação com o ambiente público, enquanto 13 deles responderam negativamente a essa questão. As mudanças pontuadas tiveram relação sobretudo com o medo e a ansiedade de estar em espaços públicos ou com muitas pessoas existindo, em contraponto, um grande desejo por voltar a experienciar tais espaços. Paralelamente, foram trazidas preocupações com a segurança e imprevisibilidade do ambiente público, um maior cuidado com a higiene nesses espaços, a irritação com o tempo de deslocamento entre locais e uma mudança na forma de se relacionar e interagir presencialmente.

4. CONCLUSÕES

De início, destacamos a percepção da necessidade de adaptação e mudança de uma série de fatores para a adequação das atividades sociais, de trabalho e de estudo ao contexto de isolamento social. Nesse sentido, cabe ressaltar a divergência no entendimento do espaço público, percebido pelos participantes como (1) ambiente de trabalho – em oposição ao espaço destinado para lazer e descanso –, (2) ambiente externo – oposto ao ambiente interno doméstico ou não – e (3) o ambiente público virtual – existindo em contraponto à esfera doméstica privada.

Apesar de separados aqui, destacamos anteriormente que tais entendimentos se mostraram muito relacionados e misturados. Tal mescla, mais que uma divisão entre uma classificação ideal e um cenário real, ilustra a dificuldade de separação, temporal e física, dos ambientes, encontrada repetidamente na fala dos participantes da pesquisa.

Mesmo que entendendo a adoção de estratégias diferentes para a tentativa de separação, sobretudo dos momentos de lazer e de trabalho, foi possível notar uma maior necessidade de autogestão e monitoramento pessoal. Nesse mesmo sentido, pareceu haver um aumento na

autocobrança, associada também ao sentimento de culpa e a tendência de buscar tornar útil o tempo livre, anteriormente destinado a descanso ou lazer.

No que diz respeito ao aumento no uso da comunicação mediada por computadores, muitos participantes destacaram sentir saturação que, por sua vez, se desdobrou em problemas diversos. Cabe citar sobretudo a sensação de cansaço e problemas psicológicos ou físicos de saúde. Entendemos que, como consequência dessa saturação, grande parte da amostra de pesquisa buscou alternativas de lazer além das telas, no entanto não foi possível perceber tal postura como algo geral ou que se deu em um nível parecido para todos.

Um ponto imprevisto, nesse sentido, foi a compreensão do uso de ambientes virtuais que mimitizavam a configuração presencial ou buscavam se aproximar de alguma forma da realidade anteriormente vivida pelos participantes. Conforme mencionado ao longo do texto, no entanto, tais ambientes foram percebidos de forma ambígua, como uma maneira de estar presente em um local sem realmente se encontrar nele.

Com o retorno das interações presenciais, houve uma grande menção à maior dificuldade de comunicação e a ansiedade agregada a tal perspectiva. O ambiente público externo também foi indicado como gerador de receios, sobretudo pela sua característica de imprevisibilidade, existindo além do controle dos participantes. Nesse sentido, foi reforçada a perspectiva do ambiente privado como local resguardado, em contraponto ao sentido devassado aplicado muitas vezes ao local público.

Por fim, concluímos que, apesar da busca inicial pelos limites estabelecidos entre o ambiente público e privado no cenário de isolamento social da COVID-19, foi percebida uma grande confusão e limites turvos entre ambos. Entendendo tal dificuldade relacionada à falta de uma separação física clara entre ambos os espaços, os modelos remotos de trabalho e de estudo pareceram desdobrar novos desafios e adaptações para suprir tais necessidades.

Mesmo que inicialmente pensadas como alternativa temporária, entendemos a permanência de tal modelo em alguns contextos, sobretudo no que diz respeito ao modelo *home office*. Nesse sentido, nos deparamos com uma nova modalidade de relacionamentos, onde a comunicação mediada por telas assume um papel mais presente no cotidiano geral e outras perspectivas de espaço público e privado se desdobram em novos horizontes possíveis.

5. REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Isadora; PILLE, Letícia. Brasil tem mais de 140 mi de pessoas em idade ativa; leia pirâmide etária. **Poder360**, 27 out. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-tem-140-mi-de-pessoas-em-idade-ativa-leia-piramide-etaria/#:~:text=O%20Brasil%20atingiu%20203.080.756,de%2015%20a%2064%20anos>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- DINO. Maioria dos brasileiros tem trabalho híbrido no pós-pandemia. **Globo**, 9 nov. 2022. Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2022/11/09/maioria-dos-brasileiros-tem-trabalho-hibrido-no-pos-pandemia.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2024.
- GONÇALVES, Flávia. A PANDEMIA NOS TORNOU MAIS REFÉNS DA TECNOLOGIA, AVALIA O FILÓSOFO JOÃO DE MORAES. **Tele.Síntese**, 12 mai. 2020. Disponível em: <https://www.telesintese.com.br/a-pandemia-nos-tornou-mais-refens-da-tecnologia-avalia-o-filosofo-joao-de-moraes/>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- MEZZASALMA, Adriana; TAVARES, Almir. A atenção como atividade da consciência. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, MG, v.13, n.4, p.272 - 275, 2003, ISSN 2238-3182. Disponível em: <https://rmmg.org/artigo/detalhes/1535>. Acesso em: 6 fev. 2024.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. Pesquisa Qualitativa Online Utilizando Etnografia Virtual. *Revista Teias*, v.13, n. 30, 169-183, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Migração de pequenas empresas para o digital triplica na pandemia. **R7**, 7 out. 2021. Renda Extra. Disponível em <https://renda-extra.r7.com/migracao-de-pequenas-empresas-para-o-digital-triplica-na-pandemia-14082022>. Acesso em: 16 mar. 2024.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. O Campo da Pesquisa Qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 20, núm. 1, 2007, pp. 65-73, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

NITAHARA, Akemi. Estudo mostra que pandemia intensificou uso das tecnologias digitais: desigualdades de inclusão digital foram acentuadas. **Agência Brasil**, 25 nov. 2021. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 16 mar. 2024.

NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet?. **Revista Organizações em Contexto**, v.6, n.12, p.107-133, jul-dez, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/2697>. Acesso em 30 jul. 2021.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2020. Cartilha. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>. Acesso em: 6 fev. 2024.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, SP, v.21, n. 47, p.176 - p.198, 2020, ISSN 2178-0145. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SIMÃO, Bárbara. Internet em tempos de pandemia: novos cenários, velhos dilemas. **Instituto de Referência em Internet e Sociedade**, 27 abr. 2020. Disponível em <https://irisbh.com.br/internet-em-tempos-de-pandemia-novos-cenarios-velhos-dilemas/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Data da submissão: 19/04/2024

Data da aprovação: 31/05/2025